

Parodiando com palavras forçadas outras dez estancias de seu irmão Gregorio de Mattos, no retrato de certa D. Brites, formosa dama da Bahia, por quem o ultimo estava apaixonado.

*Publicado em Paródias e Adolo como sendo o
deu não sei
deu não sei*

Quem vos mostrar mudada a bizzarria,
Da cara, que luz dava á bella Aurora,
Creio nenhuma affronta vos faria,
Se a morte contemplasse em vós, Senhora;
Porque, sem luz vereis naquello dia
A cara que brillar vódes agora,
Que então haveis de ter, só por estrella,
Ver em cinza desfeita a cara bella.

Horror então será esse thesouro,
Que hoje naufraga em ondas de cabello,
Trocando, com mortifero desdouro,
Só em fealdade quanto tem de bello:
E se por fúreo, vence agora ao ouro,
Então a terra ha de convencel-o
Que quem na vida vive celebrado,
Perde na morte as prendas de adorado.

Esses olhos, que hoje olham tão sem tento,
Então não hão do ser o que hoje são;
Por quanto, se hoje são da luz portento,
Das trevas hão de ser admiração:
Se por tão claros, hoje dão contento,
Não hão de dar então consolação;
Porque verão o fim a seu desejo,
Terminar nas cavernas que eu cá vejo.

A bocca, que por ser tão pequenina,
Conquista a cor do cravo, e a do rubi;
Trocará quanto tem de peregrina
Pela mais triste bocca que eu já vi;

Eu attendi chamar-lhe alguém *divina*;
 Mas confesso, Senhora, que o uso *cri*;
 Porque entendo, que havia a vossa *bocca*,
 Pela de uma *caveira* fazer *troca*.

(1) Fosse aljofar, que agora se *desata*
 Para brilhar melhor nesse *rozal*,
 Não mostrará do nácar viva *prata*
 Quando vir consumido o seu *coral*:
 Ostentaa, que por golpes de *escarlata*,
 Mostram o rutilante do *crystal*;
 E então, no descorado do *marfim*,
 Deutes só se hão de ver, mas não *carmin*.

O peito, que hoje é fragoa do amor *cégo*,
 Não será fragoa então, nem será *peito*;
 Porque, por dar á Parca seu *socego*,
 Perderá quanto tinha de *perfeito*:
 Se em algum tempo foi de fogo *emprego*,
 Então verá em si tão rijo *effeito*,
 Que julgará improprio a tudo o *mais*,
 Que não chegar a ver prodigios *taes*.

A causa que algum tempo foi *amor*,
 Aqui motivará tal odio, o *tanto*,

(1) Para mais clareza desta oitava julgámos conveniente transcrever aqui a correspondente, que é, além disso, a melhor das parodiadas.

Ver o aljofar nevado, que *desata*
 A aurora sobre a grilla do *rozal*;
 Ver em rasgos do nácar teer *prata*,
 E perolas em conchas do *coral*;
 Ver diamantes em golpes de *escarlata*,
 Em pingos de rubim, puro *crystal*;
 E' ver os voços deutes do *marfim*
 Por entre os bellos labios do *carmin*.

Que não verá o mundo outro *motor*
 Na fabulosa luz do seu *encanto*;
 Por quanto, o que causava tanto *ardor*,
 Da mesma fealdade será *espanto*;
 Nem vor em si figura, nem *sinal*,
 Dos dous botões, que tinha de *crystal*.

Das mãos hei do dizer, pois me *aventuro*,
 Que se sua belleza agora *mata*,
 Seu horror matará então *seguro*,
 Quando tinaldo agora *desbarata*:
 Que se agora são prata, o *crystal puro*,
 Então não hão de ser *crystal*, nem *prata*:
 Pois osca hão de ser, que vão *formando*
 Ganhos, que vão mortos *sepultando*.

Pôr os olhos na cinta não me *atrocro*,
 Porque a vejo de carne tão *succinta*,
 Que já me não suspendo, nem me *elecro*
 Da belleza que via nessa *cinta*:
 De eu a ver, na garganta a morte *levo*;
 Porque, por feia a vejo tão *distincta*,
 Que não se attende dessa *formosura*
 Mais que um osso, que serve de *ciatura*.

Do pé in a falar: mas *tate, tate*,
 Que não tem nada o pé de *peregrino*:
 Oh louença de Amor! Oh *desbarate!*
 Aqui, minha Senhora, *desatino!*
 Quem consumiu o pé; quem lhe deu *máte!*
 Mas nil que a terra o viu tão *pequenino*,
 Que por não ver em si sua *pegada*,
 O picante do pé, tornou em *nada*.